



History of Education in Latin America

Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License

Biografia da Professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política

Raquel Dias's biography: A look at university teaching and political militance

Lia Machado Fiuza Fialho

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0393-9892>

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil, lia_fialho@yahoo.com.br

Hannah Franklin dos Santos

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2812-3702>

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil, hannah.franklin@hotmail.com

Vitória Chérída Costa Freire

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8029-5907>

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil, vitoriacherida91@gmail.com

Received on 27/04/2020 - Approved on 04/05/2020

Resumo

O objetivo desse trabalho é biografar a professora Raquel Dias com ênfase na relação entre a docência universitária e a atuação política (1988-2019). Trata-se de uma pesquisa do tipo biográfica, amparada teoricamente na História Cultural e metodologicamente na história oral de vida. Utiliza como objeto de estudo as oralidades de Raquel Dias, coletadas por meio de entrevistas livres. A narrativa biográfica mostra que Raquel Dias foi uma criança pobre, estudante de escola pública, que alcançou nível elevado de escolarização, doutorado. Seu envolvimento político iniciado nos movimentos estudantis impulsionou o prosseguimento da militância em sindicatos e partidos políticos, que interferiu na sua prática docente tornando-a mais contextualizada, crítica e engajada na luta por justiça social.

Palavras-chave: Educação de mulher. Docência universitária. Militância política.

Abstract

The objective of this article is to analyze the biography of Raquel Dias with an emphasis on the relationship between university teaching and political action (1988-2019). It is a biographical research, supported theoretically in Cultural History and methodologically in the oral history of life. It is used as an object of study the orality of Raquel Dias, collected through open interviews. The biographical narrative shows that Raquel Dias was a poor child, a student at a public school, who achieved a high level of education, a doctorate. His political involvement initiated in student movements motivated the militancy in unions and political parties, which interfered in her teaching practice, making her more contextualized, critical and engaged in the search for social justice.

Keywords: Woman education. University teaching. Political militancy.

Introdução

A pesquisa inter-relaciona duas áreas coexistentes, a Educação e a História, por inserir-se no campo da História da Educação (Vasconcelos, Fialho & Machado, 2018). Trata acerca da interface entre o engajamento político e a docência universitária, partindo do princípio de que nenhum sujeito é neutro e que a práxis pedagógica é inevitavelmente um ato político, já que a suposta neutralidade apenas endossa o sistema político vigente (Freire, 1996).

Compreende-se “[...] que a História não é apenas um produto da natureza, pois é constituída pela ação de sujeitos autônomos, que determinam as reações, consciente ou inconscientemente, mesmo ante as influências conjunturais” (Fialho, Santos & Sales, 2019, p. 12), logo, lança luz a um sujeito historicamente invisibilizado, mas importante produtor de história: a mulher professora (Perrot, 2017). No caso dessa pesquisa, a docente Raquel Dias Araújo, doravante apenas Raquel Dias, como ficou conhecida ao se tornar professora doutora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e tesoureira do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes), educadora que possui uma extensa trajetória em movimentos sociais, movimentos estudantis e lutas pelo direito das mulheres.

A micro-história permite reduzir a lente de análise e ensejar foco em sujeitos e contextos específicos, possibilita analisar as nuances e singularidades não captadas em pesquisas macro-históricas, valorizando o individual (Loriga, 2011). Um novo paradigma é estabelecido a partir de então, passando a memória pessoal a ter um significado cada vez maior para a memória coletiva, isto é, uma análise da vida individual imbricada na coletividade (Fialho, Lima & Queiroz, 2019). Para Halbwachs (2004, p. 85), “[...] toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros”.

Amparando-se no âmbito da História Cultural (Burke, 1992), que possibilitou a ampliação do entendimento de fontes históricas, ensejando maior validade para as fontes orais, e da compreensão alargada de ‘prática cultural’, que evidenciou discussões sobre processos formativos na área da Educação (Barros, 2008), desenvolveu-se uma pesquisa do tipo biográfica, que reconstituiu uma narrativa da trajetória formativa interrelacionada com as experiências políticas de Raquel Dias.

Vale ressaltar que a escrita da história das mulheres, na perspectiva da história cultural, é recente, datando da década de 1980 (Perrot, 2017). E que, embora a biografia tenha sido desacreditada por séculos, por retratar vidas exemplares de heróis ou por meio de hagiografias (Levi, 2016), ela emerge no fim do século XX como possibilidade de fomentar um tipo de estudo científico que permite ensejar visibilidade a sujeitos e contextos microssociais invisibilizados na história oficial (Dosse, 2015), como é o caso de Raquel Dias.

Questionou-se como uma menina pobre, filha de mãe solteira empregada doméstica, conseguiu galgar formação educativa para se tornar professora doutora universitária e referência de militância política para a comunidade ueceana. Para responder essa inquietação desenvolveu-se uma pesquisa com o objetivo de biografar a professora Raquel Dias com ênfase na relação entre a docência universitária e a atuação política.

A partir da metodologia da história oral biográfica, registrou-se uma narrativa da trajetória formativa e militante de Raquel Dias, considerando uma demarcação temporal iniciada em 1988, com a sua inserção no movimento estudantil da UECE, e finalizada em 2019, quando essa pesquisa foi realizada. Importa destacar que a biografia não possui a pretensão de discutir com profundidade vinte anos de história da educação, tampouco de desvelar todos os diversos aspectos inerentes a uma vida, mas valoriza as singularidades e subjetividades que lançam luz à reflexões acerca da importância da formação da consciência política para a práxis docente contextualizada, crítica e articulada com a luta pela justiça social (Lara, 2016; Lima & Azevedo, 2019; Bego, 2016; Mororó, 2017).

Por intermédio da história de vida da professora Raquel Dias, contada sem intenção de constituir uma narrativa linear e inquestionável (Le Goff, 2008), possibilita-se observar que a formação política não se restringe à política partidária e que tal engajamento pode contribuir para a qualificação da docência universitária (Smyth & Hamel, 2016; Araújo & Esteves, 2017, Genú, 2020). Ademais, é relevante também por preservar a história e memória de uma mulher considerando a sua coletividade (Vilas-Boas, 2014), o que permite fomentar debates acerca do papel feminino no imbricamento com o contexto educacional, cultural, social e político (Fialho & Carvalho, 2017; Fialho, Sousa & Diaz, 2020).

O artigo está subdividido em quatro seções: na primeira, a introdução, apresenta-se a temática do estudo, sua delimitação, o problema que instigou a pesquisa, o objetivo central, a relevância acadêmica e a maneira como se organiza a redação científica do texto; a segunda, metodologia, traz os pressupostos teóricos e metodológicos que amparam a pesquisa, bem como a descrição detalhada do percurso desenvolvido para sua realização; a terceira, Docência e militância na vida de Raquel Dias, narra analiticamente sua inserção em movimentos estudantis, sindicatos e partidos políticos, o que contribuiu para a constituição de sua formação política e qualificação das suas práticas pedagógicas; a quarta e última, considerações finais, retoma o problema de pesquisa e objetivo para respondê-los a partir de uma síntese dos principais resultados e discussões, também se informa as limitações da pesquisa e sugestões para futuros estudos.

Metodologia

A pesquisa, do tipo biográfica (Dosse, 2015), foi pautada nos pressupostos teóricos da história cultural (Burke, 1992) e amparada metodologicamente na história oral biográfica (Alberti, 2005).

As transformações científicas decorrentes de movimentos historiográficos no século XX, como o movimento da escola de *Annales* e a difusão dos estudos situados no âmbito da História Cultural – especificamente a partir da década de 1970 – abriram espaço para o tipo de pesquisa aqui apresentada, no qual se legitima a utilização de fontes orais e valoriza-se a trajetória individual na constituição do conhecimento histórico (Barros, 2008; Burke, 2010). Nesse campo, o estudo biográfico é um gênero que, apresenta simbiose entre a valorização da dimensão histórica com a subjetividade do sujeito que, é autor de sua própria história (Borges, 2008).

A biografia proposta é a hermenêutica, que busca se apropriar das singularidades humanas de Raquel Dias, da pluralidade de identidades e da reflexividade sobre elas, evidenciando suas memórias, percursos e experiências ao interrelacionar indissociavelmente o individual e o coletivo (Dosse, 2015). Nessa perspectiva, Leite (1984, p. 12) afirma que “[...] são significativas as biografias que, ao conseguir delinear as características individuais do biografado, apresentam uma relação dialética entre o contexto social e a atuação de aproximação ou distanciamento do indivíduo desse contexto”.

Por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos, submeteu-se o projeto do estudo ao Comitê de Ética em Pesquisa, que recebeu parecer favorável de número 2.585.705, em 06 de abril de 2018. A biografia, desenvolvida à luz da metodologia da história oral de vida, utilizou como objeto de pesquisa a oralidade de Raquel Dias como a principal fonte para a reconstituição de uma narrativa sobre sua vida (Alberti, 2005).

A coleta de dados se deu mediante uma entrevista livre em história oral realizada no dia 30 de julho de 2019, na UECE, após a concordância de Raquel Dias e sua assinatura no termo de consentimento livre e esclarecido, que explicava o objetivo da pesquisa, bem como a metodologia, forma de participação da entrevistada, possíveis riscos, liberdade de recusa, participação voluntária, publicização das oralidades em trabalhos científicos, dentre outros aspectos éticos. As entrevistas foram gravadas, transcritas, textualizadas e validadas pela biografada mediante a técnica de estrutura do discurso (Flick, 2009), efetivada pela leitura e análise do texto pela informante, que teve a oportunidade de realizar acréscimos e retiradas, incorporando outras subjetividades e confirmando as informações transcritas. A narrativa textualizada de Raquel Dias, resultado da pesquisa, foi analisada levando em consideração a discussão de seus relatos acerca da formação política na interface com sua docência universitária.

Docência e militância na vida de Raquel Dias

Raquel Dias Araújo nasceu na cidade de Fortaleza no dia 6 de janeiro de 1969, ano em que o Brasil estava sendo administrado pelo regime político da Ditadura Militar. Esse período histórico foi marcado pela queda da democracia e

ascensão dos militares ao poder nacional, e, especificamente, no Ceará, foi apoiado e legitimado pelo então governador Virgílio Távora (Faria, 2007). O regime ditatorial suprimiu os ideais de reformismo nos principais setores da sociedade, criminalizou atividades e pessoas que se opunham ao governo, retirou direitos constitucionais e perseguiu violentamente o movimento sindical e a União Nacional dos Estudantes (UNE) (Paulo Netto, 2014). Instituições estas que futuramente integrarão a história de vida da biografada Raquel Dias.

Raquel Dias morava com três irmãos e sua mãe, que na época de sua infância e adolescência era empregada doméstica e fazia serviços de babá prover o sustento da casa, já que era divorciada e não contava com a ajuda financeira do ex-esposo. Ela explicou que teve uma vida difícil por não ter residência fixa, precisando a cada dia dormir na casa de um familiar diferente e enfrentando diversas necessidades, como narra:

Nós somos uma família de quatro irmãos, filhos de uma mãe solteira, nós não temos pai, nunca tivemos pai, apesar de que a gente sabia quem era o nosso pai, mas a gente não tinha relação com ele. Minha mãe, nossa mãe, criou a gente sozinha e ela era doméstica, foi doméstica e foi babá. Então, a gente teve uma vida com muitas necessidades. Passávamos muitos dias sem ver a nossa mãe. A gente ficava na casa da tia, da avó, então, a gente não tinha casa fixa. Materialmente, a nossa vida era muito difícil e a gente cuidava uns dos outros. (Araújo, 30/07/2019).

Assis e Constantino (2001) caracterizam este fenômeno como “pingue-pongue” emocional, pois alegam que as crianças e os adolescentes, que mudam constantemente de casa e de cuidadores, perdem a figura de referência e possuem mais dificuldade de assimilar princípios educativos e de sentirem amadas.

A trajetória escolar de Raquel Dias começou no ano de 1975, aos seis anos de idade, em uma instituição pública tradicional localizada em bairro periférico de Fortaleza, no Henrique Jorge, que tinha como público os alunos filhos de trabalhadores da região. Todo o ensino básico foi realizado nessa escola, denominada Mariano Martins, como afirma: “eu estudei do jardim da infância ao terceiro ano do ensino médio (que antes era segundo grau) na escola de primeiro e segundo grau Mariano Martins” (Araújo, 30/07/2019).

Raquel Dias relatou que desde cedo percebeu uma identificação com trabalhos que envolviam problemáticas sociais, afinal, essa relação imbricava-se na sua experiência de vida, permeada pela pobreza e ausência de direitos básicos: moradia, alimentação digna, saúde, lazer etc. O que lhe levou a atuar em projetos sociais:

[...] eu comecei a trabalhar num projeto social ligado à Igreja, na época era ligado à Igreja Batista. Eu não lembro exatamente o nome do projeto, mas se eu não me engano, era ligado à visão mundial, que era uma escolinha que se localizava na periferia, na favela Entrada da Lua [...]. E era uma escola de alfabetização de crianças e tudo mais, que atendia crianças carentes por meio de apadrinhamento de padrinhos de outros países, principalmente dos Estados Unidos. Então, a gente dava aula. Eu trabalhava nesse projeto, dava aula para essas crianças (Araújo, 30/07/2019).

Através dessa primeira experiência trabalhando com a alfabetização de crianças pauperizadas economicamente, aos dezessete anos de idade, ela se

sentiu motivada a seguir a carreira docente, dando continuidade ao referido trabalho inicial, conforme ressalta:

Então, eu quis fazer Pedagogia, porque eu tinha me identificado muito com essa experiência. Eu tinha gostado da experiência e queria ter condições de seguir a carreira de professora, [...] eu achava que o curso de Pedagogia era o curso que iria me fornecer essas condições teórico metodológicas para seguir a carreira de professora (Araújo, 30/07/2019).

Raquel Dias prestou o vestibular para o Curso de Pedagogia no segundo semestre do ano de 1988 e foi aprovada na Universidade Estadual do Ceará (UECE). Assim que ingressou no curso ela estabeleceu uma relação de amizade com outras colegas que integravam o Centro Acadêmico (CA), onde teve a oportunidade de participar de discussões que tinham como mote beneficiar a coletividade estudantil. Foi atuando no CA que Raquel Dias iniciou o seu processo de politização e participação nos movimentos estudantis, pois segundo Fialho & Freire (2018) esse espaço historicamente se constitui um lugar de formação política para alunos universitários.

De acordo com Saviani (2011), nas décadas subsequentes a ditadura militar, período de formação em nível superior para Raquel Dias, delineava-se um progresso tanto de abertura democrática, como de difusão de novas ideias pedagógicas. Em consequência, ela vivenciou um período caracterizado pela “organização e mobilização dos educadores; as conferências brasileiras de educação; a produção científica crítica desenvolvida nos programas de pós-graduação; o incremento da circulação de ideias pedagógicas” (Saviani, 2011, p. 413).

Nesse contexto de criação e consolidação de ideias teórico-pedagógicas para orientar a prática educativa das instituições de ensino, de acordo com o ideal transformador, Raquel Dias acompanhou o período de efervescência dos ideais de Paulo Freire, defendendo uma educação contextualizada, crítica e libertadora. Ela, inclusive, concluiu a graduação quando já estava em vigor as reformas educativas caracterizadas pela política do neoliberalismo fortemente marcada pela influência dos organismos internacionais de financiamento educacional (Florêncio, Fialho & Almeida, 2017), envolvendo-se em debates contrários a essa perspectiva política.

O movimento estudantil (ME) não é recente, como relembra Poerner (1979), ele existe desde o período colonial brasileiro e marcou importantes manifestações nas conjunturas políticas da nossa sociedade: participou das principais revoltas, movimentos abolicionistas e até mesmo de movimentos culturais e literários – esses últimos referem-se ao período republicano quando havia menor quantidade de lutas estudantis. Um movimento estudantil organizado e unificado, no entanto, surge apenas após a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937, que lidera o ME até a década de 1970 e impulsiona mudanças políticas, sociais e uma reforma universitária. Fialho & Freire (2018) acrescentam que o ME configura-se como um espaço de formação e construção da conscientização política dos estudantes que se organizam no mesmo. Além disso, o movimento estudantil é o primeiro local de elaboração teórica e ideológica de um militante, e, portanto, apresenta-se como local importante de formação política, como foi o caso da biografada Raquel Dias.

A organização estudantil no tempo da graduação de Raquel Dias já estava articulada da seguinte forma: movimento geral que representa os estudantes ao nível nacional, denominado UNE - União Nacional dos Estudantes; C.A - Centro Acadêmico; e DCE – Diretório central dos estudantes. Todos possuem o mesmo objetivo que é representar os estudantes e organizar construções coletivas para a melhoria das condições no ensino público (Fialho & Freire, 2018).

O momento em que Raquel Dias adentrou no ME o Brasil estava em processo de redemocratização, após longo período submetido ao regime militar.

[...] me engajei no movimento estudantil, fui do C.A., de quatro gestões do C.A. de Pedagogia, até 94. Fui da direção do Diretório Central dos Estudantes, fui secretária geral do DCE, fui da Executiva Estadual dos Estudantes de Pedagogia, da Executiva Nacional dos Estudantes de Pedagogia. Organizamos o Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia aqui em Fortaleza, acho que em 90 ou 91, os anos, não me lembro exatamente e foi a minha primeira experiência de militância em movimento organizado, foi no movimento estudantil. Foi assim que eu comecei a militância política e, em seguida, a militância organizada em organização política (Araújo, 30/07/2019).

No ano de 1994, ela concluiu o Curso de Pedagogia e começou a atuar como professora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental em instituições públicas e privadas, concomitantemente, atuava como professora do nível superior, iniciando seu exercício em 1995, com aprovação na seleção de professor substituto da UECE, Campus Tauá-CE e, em 2000, no Campus Fortaleza-CE. Também atuou em faculdades privadas.

Entre os anos de 1998 e 2000 Raquel Dias ingressou no Curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisa “O Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação do Ceará: uma história de luta e contradições”. Em seguida ingressou no doutorado (2001-2006), e desenvolveu a tese intitulada “O movimento estudantil nos tempos da barbárie: a luta dos estudantes da UECE em defesa da universidade pública”. A prática militante cada vez mais se apoiava na teoria, era um aperfeiçoamento que, segundo ela, fomentava uma práxis formativa mais articulada com a realidade (Soares & Viana, 2016; Lopes, 2019; Corrêa & Barreto, 2017).

Seu exercício como professora efetiva da UECE aconteceu a partir de 2005 mediante aprovação em Concurso Público para ministrar as disciplinas de Política Educacional e Organização e Gestão da Educação, fazendo-se necessária a utilização do arcabouço teórico sobre formação política mais amplo. Raquel Dias explicitou:

[...] o que seria uma formação política no sentido mais amplo? A formação política, para mim, ela tem como condição primeira a formação humana propriamente dita. Então, assim, quanto mais você se apropria, quanto mais a classe trabalhadora se apropria dos conhecimentos historicamente acumulados [...], mais ela cria condições de se formar politicamente. [...] para além disso, é a compreensão do ser humano, do lugar que ele ocupa no mundo e do papel dele como sujeito histórico. Então, a formação política é uma arma fundamental para o processo de transformação da sociedade como um todo (Araújo, 30/07/2019).

A compreensão sobre a formação e o compromisso político na docência de Raquel Dias articula-se com os ideais de Freire (1996), Gramsci (1978) e Saviani

(2003), quando entendem que a educação é um complexo contraditório que tem como função a reprodução da sociedade desigual, porém, na contramão, é através da mesma que a conscientização humana pode influenciar a transformação concreta de tal realidade. Dessa forma, o professor em seu ato de ensinar carrega em si um compromisso político e um trabalho prático relacionado à mudança da estrutura social no qual está inserido (Freire, 1996; Gramsci, 1978; Saviani, 2003).

Raquel Dias acredita que é possível superar o estado de alienação e submissão que vivem as classes menos favorecidas economicamente, pensando na educação como processo responsável por influenciar a luta pela transformação social, na perspectiva democrática, atingindo os aspectos políticos e socioeconômicos.

Então, a formação política, que é a compreensão acerca do mundo, das relações sociais que presidem o mundo, da lógica do sistema capitalista, da lógica da exploração da mais valia, da compreensão dela, do reconhecimento dela como classe trabalhadora, do reconhecimento dela como sujeito da história, tem relação com a apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados. (Araújo, 30/07/2019).

Nessa compreensão a formação política dos professores transforma-se em ação concreta no exercício de fortalecer a relação prática pedagógica com os interesses da população, ou seja, considera-se a consciência que a ação pedagógica produz (Gramsci, 1978). Raquel Dias explicita o arcabouço teórico que utiliza nas suas aulas, cursos de capacitação e atividades de pesquisa e extensão:

O grupo de estudo que eu mantenho desde 2012 [...] se chama grupo de estudos Educação, Teoria e História. É uma longa trajetória do grupo de estudos, formou muita gente, né? Estudamos os clássicos do marxismo, depois estudamos o significado da Revolução Russa, a contribuição dos educadores marxistas a partir da experiência da escola do trabalho na Rússia, Pistrak, Macarenco, o Vygotsky, o Gramsci, estudamos a obra do Saviani, duas obras, *Escola e Democracia* e *Pedagogia Histórico-Crítica*, e hoje nós estamos estudando o livro do Antunes, *O Privilégio da Servidão*, e o livro *Um Manifesto feminismo para os 99%*, em parceria com o Grupo de pesquisa Ontologia do ser social - História, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE), que é parte do meu trabalho, também (Araújo, 30/07/2019).

Raquel Dias aposta numa formação para a superação das contradições do sistema capitalista evidenciando as complexas relações entre educação e sociedade. Mas para alcançar a conscientização política dos estudantes é necessário antes demonstrar competência técnica, como enfatiza: “pra mim a formação política do educador tem relação primeiramente com a competência técnica” (Araújo, 30/07/2019).

A competência técnica refere-se ao domínio do conhecimento; habilidade de planejamento e transmissão do saber; a organização do espaço formal, do currículo e das metodologias; ao preparo técnico relacionado aos resultados de sua ação; e a compreensão da relação existente entre educação e sociedade (Saviani, 2003). Assim, o professor universitário, de acordo com a concepção de Raquel Dias: “tem que ser aquele que dar a melhor aula. Que não falta aula, que cumpre com os horários, que trata bem os alunos, que dialoga, que planeja sua

aula, que encontra os melhores meios para socializar o conhecimento” (Araújo, 30/07/2019). Através do comprometimento com a aprendizagem significativa dos estudantes é que os professores podem chegar ao ponto crítico do processo formativo, que é o compromisso político. Inclusive, Candau (1984) reforça que a multidimensionalidade do processo de ensino-aprendizagem deve articular as seguintes dimensões: humana, técnica e político-social. Afinal, a profissão docente envolve o compromisso político e o técnico, sem desconsiderar atos e formas de ensino, que está determinado e condicionado pelo contexto histórico situado.

Considerando a necessidade de organização e formação política “dentro das” e “para as” instituições públicas de ensino, Raquel Dias percebe que formação política possibilita o engajamento de professores em movimentos sindicais e partidários, e essas experiências influem na sua prática pedagógica universitária. Nessa direção Raquel Dias buscou integrar um dos maiores sindicatos do Brasil, o ANDES, e afirma que: “hoje, a minha militância mais importante é a do Andes, é a militância sindical” (Araújo, 30/07/2019).

O ANDES é um sindicato que foi fundado no final do período ditatorial, em 1981, e “instituiu espaços destinados à discussão da questão da terra, classe, etnia e gênero, para além de questões ligadas à educação, à ciência e tecnologia, ao sindicalismo e à própria organização dos professores” (Andes, 2019)¹. Assim, podemos concluir que a defesa pela educação e melhores condições de trabalho docente integram a pauta maior que é a luta da classe trabalhadora.

De acordo com Rosso, Cruz e Rêses (2011) o sindicato é um tipo de organização política elementar, pois reivindica melhores condições de trabalho e para a sua existência deve haver a conscientização da exploração, que requer a organização de uma ação coletiva. Raquel Dias ocupa o cargo de tesoureira do ANDES e explica sobre a representatividade desse cargo, com grande responsabilidade para a sua vida:

O ANDES é um sindicato muito grande, que tem sede em Brasília, doze escritórios espalhados pelo Brasil, oitenta e três diretores e hoje eu ocupo um cargo que a gente chama que é o triunvirato, que são os três cargos mais importantes dos oitenta e três, que é o presidente, a secretária geral, e a primeira tesoureira, que sou eu. Então, isso exige muita responsabilidade, dar conta da tesouraria de um sindicato nacional com oitenta mil filiados e que representa as universidades de todo o Brasil, as federais, as estaduais e as municipais (Araújo, 30/07/2019).

Para Raquel Dias, suas atividades de militância estão relacionadas tanto com o trabalho de ensino-aprendizagem no âmbito formal, como com o ideal social emancipatório, por isso afirma: “A defesa de uma educação pública, de qualidade, gratuita é uma luta em defesa de uma sociedade, de um modelo de sociedade em que a educação seja efetivamente um instrumento de emancipação humana e desenvolvimento das potencialidades” (Araújo, 30/07/2019). À vista disso, podemos inferir que a trajetória formativa de Raquel Dias acumulou experiências docentes e militantes que contribuíram para o seu engajamento e compromisso político e que refletem na sua docência na medida em tais questões são levadas diuturnamente para fomentar debates em sala de aula.

O compromisso político ultrapassa o sentido teórico de conscientização e se materializa em construções coletivas e concretas, em busca de emancipação

¹ Mais informações sobre o ANDES está disponível em: <https://www.andes.org.br/>

humana, assim, a docência universitária assume um posicionamento que inclusive ultrapassa o espaço interno institucional. O trabalho docente no ensino superior aperfeiçoa-se com o engajamento político:

[...] concomitante ao processo interno à escola ou à universidade de dar aula e de fazer o papel de transformação por dentro, é preciso fazer um papel de transformação por fora, atuar na luta de classe propriamente dita. Significa o quê? Fazer parte, ser sindicalizado no seu sindicato, fazer parte do movimento estudantil, se você é estudante, ser do grêmio, certo, ou contribuir com ele. Ser de uma associação comunitária, ser de um partido político com o qual você se identifica com aquelas ideias ou com aquela ideologia, ou seja, se engajar coletivamente nas lutas da classe trabalhadora como um todo contra a exploração, contra toda forma de opressão, em defesa dos direitos, das liberdades democráticas. Então, esse engajamento, pra mim, é fundamental, porquê? Porque se combina com aquilo que a gente faz em sala de aula. São coisas que são combinadas (Araújo, 30/07/2019).

Para além das ações pedagógicas e sindicais, a professora Raquel Dias assumiu em sua trajetória a veiculação à organização política partidária. Como afirmou durante a entrevista, desde a época em que era estudante de graduação que está politicamente organizada. Inicialmente ela integrou a Causa Operária, do Partido da Liberação Proletária, que não existe mais, o PLP, depois participou da Causa Operária, que foi uma corrente interna do Partido dos Trabalhadores (PT), mas na época de sua militância já não era mais do PT. Depois, filiou-se ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e em 2016, saiu para integrar o PSOL, onde participa atualmente (2019).

Sua candidatura para o Senado, no ano de 2014, foi o momento mais expressivo de sua atividade partidária: “foi uma tarefa gigantesca, porque não se tratava de uma disputa para ganhar a eleição, a gente já sabia que não era isso [...]. Mas era uma disputa de projeto, entendeu?” Raquel Dias foi “candidata de uma coligação, que era o PSTU, o PSOL e o PCB, que era chamada Frente de Esquerda” (Araújo, 30/07/2019). Conquistando 42 mil votos que foi um número pequeno, considerando a totalidade no estado cearense e o quociente partidário do PSTU, mesmo não sendo eleita a sua candidatura representou a força feminina na luta ideológica contra os grandes representantes de partidos de direita.

Raquel menciona a questão de gênero como elemento fundamental que ressalta em sua trajetória:

[...] tem um elemento muito importante que é o elemento do gênero, ou seja, eu sou uma mulher, certo? Uma mulher que foi proveniente de um setor da classe trabalhadora mais pauperizado, que é o trabalho doméstico. Filha de uma trabalhadora doméstica que conseguiu, primeiro, entrar numa universidade. Depois, conseguiu fazer uma carreira acadêmica (Araújo, 30/07/2019).

As características que definem a biografada reivindicam um espaço de visibilidade, pois ser mulher e pertencer à classe pobre constituem condicionantes que, muitas vezes, excluem oportunidades de crescimento profissional numa sociedade elitista de dominação masculina patriarcal (Fialho & Sá, 2018).

Ser mulher numa sociedade que historicamente retirou os direitos básicos femininos, privou acesso aos processos de ensino e carregou marcas de preconceito, desvalorização e submissão, é lutar constantemente por espaços que

até que hoje são atribuídos aos homens e aos privilegiados economicamente (Tiburi, 2018). Por isso, a professora Raquel Dias ressalta a necessidade de lutar constantemente por seus ideais profissionais e políticos, conciliando com sua atuação docente, já que: “a militância política em prol de uma sociedade emancipada é o meu projeto de vida. Todas as coisas que eu faço tem relação com o meu projeto de vida” (Araújo, 30/07/2019).

A biografia de Raquel Dias revela que o seu envolvimento com os movimentos estudantis, com os sindicatos e com os partidos políticos fomentaram uma práxis mais crítica em sala de aula, pois ela pôde desenvolver uma visão ampliada acerca dos problemas sociais, econômicos e políticos que se imbricam com o contexto educacional. Essa formação política possibilitou uma atuação docente contextualizada, dialógica e comprometida com a transformação da sociedade com vista a redução das desigualdades econômicas e injustiças sociais.

Considerações finais

O estudo foi iniciado a partir de uma problemática norteadora: como uma menina pobre, filha de mãe solteira empregada doméstica, conseguiu galgar formação educativa para se tornar professora doutora universitária e referência de militância política para a comunidade ueceana? Esse problema de pesquisa foi desvelado com uma pesquisa científica, do tipos biográfica, que objetivou biografar a professora Raquel Dias com ênfase na relação entre a docência universitária e a atuação política.

A metodologia da história oral de vida permitiu a realização de uma entrevista livre para coletar as oralidades de Raquel Dias acerca do seu percurso educacional formal e da sua formação política na interface com a docência universitária. Constatou-se que Raquel Dias teve uma infância privada de vários direitos constitucionais, tais como: moradia digna, convívio com os pais, lazer etc. Isso porque sua mãe era pobre e tinha que sustentar sozinha a família com quatro filhos, sem ter sequer onde morar. Dessa maneira, ela trabalhava como empregada doméstica, passando muito tempo na casa da patroa, enquanto seus filhos ficavam sob os cuidados de outros familiares, mudando de residência constantemente.

Como morava na capital, Fortaleza, e perto de uma escola pública que tinha todas as etapas da básica, Raquel Dias conseguiu concluir esse nível de escolarização e pleitear o ingresso no nível superior. Sua primeira experiência de ensino, ainda adolescente, foi por meio da participação em movimento social de cunho religioso como professora de crianças, o que lhe motivou a ser pedagoga, pois acreditava que esta profissão poderia lhe proporcionar habilitação para a docência, bem como a possibilidade para que pudesse fundamentar a sua prática e atuar politicamente na transformação da realidade de contradições e desigualdades sociais.

Verificamos que Raquel Dias galgou educação em nível doutoral que foi ocorrendo paralelamente a formação política e de forma interrelacionada. A última, iniciou-se com os trabalhos sociais ligados à igreja, sendo desenvolvido, respectivamente, por sua participação no Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia, no Diretório Central de Estudantes e nos espaços de atuação do movimento estudantil – eventos, palestras, cursos etc. Ao concluir o ensino

superior, utilizou sua experiência para realizar as pesquisas de mestrado e doutorado concomitante a atuação no ANDES e em organizações política partidária, em partidos de esquerda: PSTU, no qual se candidatou ao cargo de Senadora em 2014; e afiliação no PSOL, no qual atua na atualidade.

Constatamos a formação política adquirida pela Raquel Dias interfere nas suas práticas como docente do Curso de Pedagogia da UECE, pois ao ministrar disciplinas na área de Política Educacional, ela tensiona discussões sobre a conscientização da classe trabalhadora, os problemas da sociedade capitalista e a necessidade da emancipação humana, com o mote de desenvolver um ensino crítico e contextualizado voltado para formar cidadãos protagonistas na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Ressaltamos que, de acordo com a biografada, é de fundamental importância a apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados, como condicionante para gerar condições de se formar politicamente. Para Raquel Dias a formação política, não é algo restrito, mas relaciona-se a ideia da compreensão do ser humano, do lugar que ele ocupa no mundo e do papel dele como sujeito histórico.

O exercício profissional de Raquel Dias na área da Educação aconteceu concomitante ao processo de militância, desde o movimento social, passando pelo movimento estudantil e chegando à organização partidária. Assim, concluímos que a formação política se acumula ao longo do desenvolvimento formativo e está intimamente ligado ao trabalho docente, por contribuir com uma práxis crítica e integrada aos problemas sociais. A formação política faz-se necessária para a efetivação dos processos educacionais significativos e para o desenvolvimento do ideal de educação transformadora.

Importa destacar que esta pesquisa, por ser de cunho biográfico, tem como limitação a impossibilidade de ser generalizada, já que possui particularidades próprias da biografada Raquel Dias, que não representa a maioria das meninas pobres cearenses de sua época, que sequer conseguem concluir a educação básica. Em contrapartida, tem importância no processo de compreensão da relevância de uma formação política articulada a educacional para o desenvolvimento de uma prática docente mais consciente, crítica, contextualizada e engajada na luta pela justiça social. Ademais colabora com a preservação da história e memória da educação feminina, pois enseja reflexões a dificuldades e silenciamentos historicamente relegados a segundo a segundo plano de importância.

Referências

- Alberti, V. (2005). *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Andes. (2019). Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Recuperado de: <https://www.andes.org.br/>
- Araújo, R. D. (2019). Entrevista realizada pelas concedida a (retirado para preservação do anonimato). Fortaleza - CE.
- Araújo, R. M. B., & Esteves, M. M. F. (2017). A formação docente, inicial e contínua, para o trabalho com adultos em Portugal: o olhar dos professores. *Educação & Formação*, 2(4), 18-35.

- Assis, S. G; Constantino, P. (2001). *Filhas do mundo: infração juvenil feminina no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Barros, J. D'A. (2008). *O campo da História: especialidades e abordagens*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Bego, A. M. (2016). Políticas públicas e formação de professores sob a perspectiva da racionalidade comunicativa: da ingerência tecnocrata à construção da autonomia profissional. *Educação & Formação*, 1(2), 3-24.
- Borges, V. P. (2008). Grandezas e misérias da biografia. In: Pinsky, C. B. (Org.). *Fontes históricas*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 203-223.
- Burke, P. (1992). *O que é História cultural?*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Burke, P. (2010). *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp.
- Candau, V. M. (1984). *Didática em questão*. 2 ed. Petrópolis: Vozes.
- Corrêa. P. S.. & Barreto. B. (2017). Exigências para o exercício do ofício de mestre nos grupos escolares no Brasil no contexto da ditadura militar. *Educação & Formação*, 2(4), 104-123.
- Dosse. F. (2015). *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Farias, J. A. (2007). *História do Ceará*. 2 ed. Fortaleza: Armazém da Cultura.
- Fialho, L. M. F., Santos, F. M. B., & Sales, J. A. M. (2019). Pesquisas Biográficas na História da Educação. *Cadernos de Pesquisa*, 26(3),11-29.
- Fialho, L. M. F., & Freire, V. C. C. (2018). Educação formativa de uma líder política cearense: Maria Luiza Fontenele (1950-1965). *Cadernos De História Da Educação*, 17(2), 343-364
- Fialho, L. M. F., Lima, A. M. S., & Queiroz, Z. F. (2019). Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. *Educação Unisinos*, 23(1), 48-67.
- Fialho, L. M. F., & Sa, E. C. V. (2018). Educadora Henriqueta Galeno: a biografia de uma literata e feminista (1887- 1964). *História da Educação*, 22(55), 169-188.
- Fialho, L. M. F., Sousa, N. M. C., & Diaz, J. M. H. (2020). Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência. *Revista Cocar*, (8), 371-387.
- Fialho, L. M. F., & Carvalho, S. O. C. (2017). História e memória do percurso educativo de Célia Goiana. *Série-Estudos*, Campo Grande, 22(45), 137-157.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Florêncio, L. R. S., Fialho, L. M. F., & Almeida, N. R. O. (2017). Política de Formação de Professores: A ingerência dos Organismos Internacionais no Brasil a partir da década de 1990. *Holos*, 5, 303-312.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Genú, M. A. (2018). Abordagem da ação crítica e a epistemologia da práxis pedagógica. *Educação & Formação*, 3(9), 55-70.
- Gramsci, A. (1978). *Concepção dialética da história*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Halbwachs, M. (2004). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro.
- Lara, A. M. (2016). Políticas de redução da desigualdade sociocultural. *Educação & Formação*, 1(3), 140-153.
- Le Goff, J. (2003). *História e memória*. 5 ed. Campinas: Unicamp.
- Leite, M. L. M. (1984). *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura (1887-1945)*. São Paulo: Ática.
- Levi, G. Usos da biografia. (2016). In: Amado, J., & Ferreira, M. M, (org.). *Usos & abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 167-182.
- Lima, A., & Azevedo, M. L. (2019). Processo de institucionalização da política nacional e estadual de formação docente: proposições e resistências no Paraná. *Educação & Formação*, 4(12), 124-147.
- Lopes, A. C. (2019). Legislação e processos educativos: A constituição da escola primária no Piauí (1845 a 1889). *Educação & Formação*, 4(10), 50-65.
- Loriga, S. (2011). *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Mororó, L. P. A (2017). Influência da formação continuada na prática docente. *Educação & Formação*, 2(4), 36-51.
- Paulo Netto, J. (2014). *Pequena História da Ditadura Brasileira (1964-1985)*. São Paulo: Cortez.
- Perrot, M. (2017). *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Trad. Denise Bottmann. 7 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra.
- Poerner, A. J. (1979). *O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros*. 2. Ed. revisada, ilustrada e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rosso, S. D., Cruz, H. L., & Rêses, E. S. (2011). Condições de emergência do sindicalismo docente. *Revista Pro-Posições*, Campinas, 22(2), 111-131.
- Saviani, D. (2003). *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 8 ed. São Paulo: Autores Associados.
- Saviani, D. (2011). *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Autores Associados.
- Smyth, E., & Hamel, T. (2016). The history of initial teacher education in Canada: Québec and Ontario. *Educação & Formação*, 1(1), 88-109.
- Soares, C., & Viana, T. (2016). Jovita Alves Feitosa: memórias que contam a história da educação nas prisões cearenses. *Educação & Formação*, 1(1), 140-158.
- Tiburi, M. (2018.) *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Vasconcelos, L. M., Fialho, L. M. F., & Machado, C. J. S. (2018). Facetas da (im)potência viril na Revista Careta: educação e masculinidades no Estado Novo (1937-1945). *Acta Scientiarum Education*, 40 (4), 1-12.
- Vilas-Boas, S. (2014). *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp.